



a galiza crítica contra a venda do país

XABIER XIL / Desde o mesmo momento da sua criação, a Rede Galiza Nom se Vende começou a sua participação activa em todo o tipo de mobilizações em prol da Terra e contra as agressões ao território que fôram surgindo nestes últimos meses. Desde a marcha em Corrubedo no passado 4 de Novembro contra o Plano Aquícola da Conselharía de Pesca até ao apoio ao Comité Cidadám de Emergência contra a gaseificadora em Ferrol, passando por roteiros reivindicativos em Mugardos, Quilmas, umha cadeia humana em Merexo (Mugía) também contra o Plano Aquícola, umha manifestação em Vigo contra o PGOM, outra em Camelhe etc., Galiza Nom se Vende participou com o ambicioso e necessário propósito de juntar esforços para, antes de tudo e

primeiro de nada, informar a população sobre os atentados que de cote sofre o nosso país, nomeadamente a faixa costeira. Um trabalho de informação que, como nos recordam, é a administração pública quem tem a obrigação de realizar, como também tem a obriga de zelar polos interesses colectivos e frear as ambições pessoais dos que estragam a nossa terra, pôr freio ao sector privado nas suas arelas de fazer dinheiro rápido sem olhar os custos para a sociedade e gerir o uso racional e sustentável dos nossos recursos naturais, assim como proteger, salvaguardar e pôr em valor o nosso património cultural, etnográfico e artístico.

Galiza Nom se Vende é criada, portanto, como ferramenta do povo para o povo mesmo. Ante a prevaricação e o desleixo dos

poderes públicos num aspecto tam vital para o nosso futuro como é o ordenamento do território e a gestom sustentável dos nossos recursos, a Galiza deve ter a faca e o queijo na mão e fazer o trabalho que o ente público, por motivos bem variados (falta de consciencialização, falta de visom de país, pressons do sector privado, etc.) deixa de lado. Certamente, vivemos numa sociedade, como manifesta GNSV, que se move em base à política de feitos consumados, impulsionada, à sua vez, por interesses que nada tenhem a ver com a maioria social ou com um projecto de futuro, mas que respondem a interesses privados que olham o nosso país como umha “terra de oportunidades”, e isto agudiza-se se repararmos no sector energético e mais no

No mês de Setembro do passado ano, a Rede Litoral Vivo passava a se denominar Rede Galiza Nom se Vende. Umha plataforma nacional formada por um amplo elenco de associações vizinhas e ambientalistas galegas que decidírom unir-se para, entre todas, fazerem que a voz do povo contra as agressons ao nosso património ambiental e cultural se amplificasse e espalhasse por todo o país. Naquele mesmo momento, era criada também umha comissão técnica integrada por membros de A Ria Nom se Vende, SOS Courel, Afectados/as polo Vertedoiro de Carvalheda de Avia, Fusquenlla, Burla Negra, Greenpeace e Verdegaia, que seriam os encarregados da organização duma grande manifestação a nível nacional convocada por Galiza Nom se Vende para o vindiouro 17 de Fevereiro em Santiago de Compostela. Colocava-se assim em andamento a maquinaria do que talvez poda ser o mais ambicioso projecto e de maior alcance nascido no seio do povo galego para agir na defesa dos nossos interesses como povo e como naçom.

urbanístico, por pormos dous eidos que centram as críticas da plataforma, precisamente os mais daninhos para o meio natural quando as cousas se fã, nom ao chou, mas como exige o sector privado. E talvez aí radique a principal eiva da nossa sociedade: em que o sector público nom existe como tal, mas que se converte à primeira oportunidade numa correia de transmissão entre o privado e o colectivo para unicamente pôr à disposição do primeiro a riqueza do segundo, isto é, o futuro de todos.

Exemplo disto, como assinalam desde GNSV, é a projecçom de construir na vindiouro década nem mais nem menos 300.000 novas vivendas (75% mais das já existentes) a maior parte delas na costa, 17 campos de golfe e 24 novos portos desportivos.

Perguntas do milhom podem ocorrer várias: há indícios de a população galega vir a se duplicar na vindiouro década? Obviando que estas vivendas e “serviços” vam única e exclusivamente dirigidas à população estacionária, isto é, 2.^a vivenda e turismo, como vamos fazer para lhe dar abastecimento de água, luz, saneamento, etc. a estas novas urbanizaçons se, como dizem desde GNSV, nom somos capazes de fornecer serviços eficientes aos núcleos de povoação já existentes? De continuarmos assim, a deterioração ambiental e paisagística da nossa costa será, daqui a pouco, irreversível.

É por isso que desde GNSV reclamam umha gestom sustentável do território, a aplicação da legalidade vigente, que se





vem incumprindo como norma, e o fortalecimento e afundamento da mesma. Tudo para evitar o que nesta altura e com a classe política que padecemos, somada à falta total de sensibilidade do sector privado respeito ao que o empresárioado continua empenhado em ver como obstáculo em lugar de vê-lo como chave de futuro do país, semelha iminente que, daqui a pouco, cairemos nos mesmos erros que estragaram a riqueza ambiental e paisagística doutras zonas da Península. Porque já nom só está em jogo o meio natural e o património cultural, por se for pouco; é que além disto estamos em jogo nós mesmos como galegas e galegos, e o nosso futuro numa Galiza sustentável. De nada valem falsas promessas de postos de trabalho quando sabemos que temos a potencialidade suficiente para, com os nossos recursos naturais e sem necessidade de os estragar, gerarmos postos de trabalho em sectores estratégicos e duradouros como o agro, a criação de gado, o sector marisqueiro, a pesca, etc. De nada valem medidas de apoio às energias renováveis para frear, hipoteticamente, a mudança climática, se isto se traduz na destruição do melhor dos nossos montes e da nossa paisagem, por nom falarmos das agressões ao património cultural e etnográfico. De nada vale a construção de milhares de casas e hotéis se, ainda por cima de nom solucionar os problemas de

GNSV reclama umha gestom sustentável do território, a aplicação da legalidade vigente, que se vem incumprindo como norma, e o fortalecimento e afundamento da mesma. Porque já nom só está em jogo o meio natural e o património cultural, por se for pouco; é que além disto estamos em jogo nós mesmos como galegas e galegos, e o nosso futuro numa Galiza sustentável.

vivenda que padecemos, converte as nossas costas num continuum de cimento e asfalto e destrui os ecossistemas marinhos e qualquer possibilidade de articular um sector aquícola como garantia de futuro. De nada vale, em definitivo, o progresso, se este se entende como inevitável perda de valores ambientais, como inevitável perda cultural, como inevitável perda de qualidade de vida e de rentabilidade socioeconómica. De nada vale, numa palavra, se com progresso nos negamos o futuro a nós mesmos.

acçom sociocultural para governar o descontento

GALICIA

ACCIÓN EN REDE CONTRA O SILENCIO

CARLOS SANTIAGO / No passado 19 de Janeiro, foi apresentado o novo portal de comunicação da Rede de Acçom Sociocultural Arredemo no Instituto Galego da Informaçom durante o Foro Negro, convocado pola rede e o colectivo Burla Negra com o objectivo de definir as linhas programáticas que vam reger esta nova jeira deste projecto de comunicação e dinamização sociocultural ao serviço dos movimentos sociais do país. Perto de sessenta pessoas e colectivos do tecido civil galego assistírom ao encontro participando nas sessons de trabalho, encaminhadas a reflectir sobre as debilidades, fortalezas, ameaças e oportunidades presentes nos movimentos sociais galegos e o jeito em que a Rede de Acçom Sociocultural Arredemo

pode contribuir para pôr em valor as acçoms e o trabalho colectivo desenvolvido pola sociedade civil.

A recuperaçom do antigo jornal galeguista dos anos vinte, fechado pola ditadura de Primo de Rivera, foi um dos projectos que dêrom lugar à fundaçom do IGI em 1977 com o objectivo de pôr na rua um jornal comprometido com a língua e a realidade galega depois do fim do Franquismo

O "Galicia": acçom em rede contra o silêncio Na mesma jornada foi apresentado também o projecto do "Jornal 'Galicia': acçom em rede contra o silêncio", coincidindo

com o processo de afastamento do intelectual galeguista Isaac Diaz Pardo da direcçom do grupo Sargadelos e a quase segura liquidaçom do Instituto Galego da Informaçom durante a assembleia de accionistas prevista para o dia 23 de Janeiro. A recuperaçom do antigo jornal galeguista dos anos vinte, fechado pola ditadura de Primo de Rivera, foi um dos projectos que dêrom lugar à fundaçom do IGI em 1977 com o objectivo de pôr na rua um jornal comprometido com a língua e a realidade galega depois do fim do Franquismo. Apesar das diversas tentativas neste sentido, o jornal nunca viu a luz. Por esta razom, a Rede de Acçom Sociocultural Arredemo e o colectivo Burla Negra decidírom recuperar o cabeçalho para editar o seu número zero, exemplar único que, por um lado, quer servir de acçom solidária com Isaac Diaz Pardo e, ao mesmo tempo, oferecer umha radiografia da actual situaçom social, cultural e ambiental do país como documen-

to base do Foro Negro e da nova andaina de Arredemo. A distribuçom do jornal, empregando procedimentos já experimentados em projectos como "Há que Botá-los", vai servir para ajudar a articular umha autêntica rede de intercâmbio social e cultural.

Colaboram no projecto pessoas e colectivos procedentes dos mais variados âmbitos, desde a política e a sociologia, até ao ambientalismo, a educaçom social, a cultura ou a defesa da língua, com assinaturas como as de Aser Álvarez, Alberto García, Plácido Lizancos, Pedro de Llano, Xelís de Toro, Carlos Meixide, Séchu Sende, Concha Fernández, María Fidalgo, Patricia Porto, Xesús Alonso Montero, Margarita Ledo, Fermín Bouza, Herminio Barreiro, Gonzalo Rodríguez, Comba Campoy, Martiño Nercellas, Óscar Rodil, Xosé Manuel Beiras, Xosé Zapata, Martiño Nercellas, Xavier Vázquez Pumarino, Xosé Manuel Sarille, Valentim R. Fagim ou Martin Wu. O jornal conta com ilustraçoms de Suso Sanmartin, Gonzalo Vilas, Lois Hermo, Fausto Isorna e David Rubín, e fotografia de GZIfoto e Roberto Ribao.

O "Galicia" oferece na suas páginas centrais umha extensa entrevista com Isaac Diaz Pardo, realizada por Sagrario Quintela e Ana Triñanes, e na qual se fai um repasso ao projecto cultural desenvolvido polo Laboratório de Formas através do grupo Sargadelos, em que o grupo de exilados liderados por Luís Seoane e Arturo Cuadrado, da maõ de Isaac Diaz Pardo, acometérom a tarefa da recuperaçom da memória histórica da Galiza e a projecçom da nossa cultura no mundo.

Um novo espaço de expressom, livre e independente

Na apresentaçom da nova andaina da Rede de Acçom Sociocultural Arredemo foi exposta a necessidade de contar com novos meios de comunicaçom social nom convencionais comprometidos com a sociedade civil e que abram espaços de expressom crítica à margem de interesses partidários e orientados para a defesa do bem comum.

Entre as linhas estratégicas que se perfilárom na sessom de trabalho do Foro Negro destaca-se um compromisso claro na dinamizaçom do movimento associativo galego e a comunicaçom das causas sociais, e a aposta na construçom colectiva dum contrapoder civil capaz de quebrar o correctamente nomeado de "muro de silêncio" presente em todo o tipo de conflitos, desde a instalaçom industrial de gás de Mugarodos, até à destruicão da Serra do Caurel ou as luitas vizinhais contra a implantaçom de viveiros de peixe na costa.





Ridimoas, o corredor verde do Ribeiro

«Levava anos querendo visitar o bosque de Ridimoas. É o tipo de experiências em que acredito. Desde o ano 1976, um número crescente de pequenos proprietários que vam mercado, naquinho a naquinho, os minifúndios do bosque galego simplesmente para protegê-lo [...]. Hoje há mais de mil sócios que, pagando umha pequena quota, passam a ser donos do bosque »

G. Uz – J. BEIROA/ Com estas palavras, o jornalista Manuel Gago explicava há uns meses no seu blogue, Capítulo 0, os motivos que o levaram para querer conhecer Ridimoas. Queria conhecer de primeira mão se era tudo 'tal qual' lho tinham contado, porque «som cousas que nom se acaba de saber quanto tenhem de auto-engano colectivo, de mito necessário [...] e quanto de verdade, assim que quigem comprová-lo». Umha sensação similar é a que nos move para lho contarmos neste Dito e Feito.

O biólogo David Rodríguez é o vice-presidente da Associação Cultural-Ecológica Ridimoas (<http://www.asociacion-ridimoas.org/>), que age entre os municípios de Riba d'Ávia e Beade, em pleno coração da comarca ourensana do Ribeiro.

Na década de 70, os lumes assoláram o monte, o qual implicou um impacto brutal tanto para a flora como sobretudo para umha fauna que se viu privada do seu habitat. Foi entom quando Pablo Oitabén, promotor da associação, iniciou um projecto de recuperação do bosque e que servisse, ao mesmo tempo, para facilitar a recuperação de aves feridas. A iniciativa tivo como eixo central a leira Ridimoas, propriedade do pai de Oitabén, e que se vira afectada polos incêndios. A seguir veio a constituíção da associação em 1988, inicialmente com 50 pessoas e que mediante umha quota anual —actualmente de dez euros— decidírom aumentar de média a extensão de Ridimoas num hectare por ano.

Umha terra e mil donos

Actualmente vam polos 300 hectares de terreno e ao redor de mil e trinta co-proprietários. Segundo nos explica David, a desenvolvida pola associação é umha «proposta tradicional já consolidada» e que tem como objectivo a protecção do património florestal para evitar desastres como o acontecido há já quase trinta anos ou os que anualmente, quase sem interrupção, assolam o nosso país. Mas este labor vai a par de um indispensável trabalho de educação ambiental.

Em Ridimoas praticam-se o que David chama «reflorestamentos qualitativos», que permitem o equilíbrio ambiental e a interacção da flora e da fauna. Plantam árvores como as fruteiras para garantir o alimento dos animais nas épocas mais críticas do ano. «Nom podemos esquecer tampouco», assinala David, «que boa parte do trabalho de reflorestamento é realizado polos animais», já que espargem —e adubam!— as sementes com os seus excrementos.

O modelo proposto pola associação funciona, e como prova nom falta quem assinala que em Ridimoas nom arde o monte. Isto deve-se ao trabalho dos habitantes do lugar, tanto os seres humanos como o resto dos animais, particularmente cava-

los e éguas que pascem no bosque e que se ocupam de mantê-lo limpo de abrolho.

O sucesso de Ridimoas leva para que muitos pequenos proprietários tenham cedido um importante número de hectares para o projecto —actualmente, quase os dous terços dos terrenos foram cedidos, só uns 120 hectares som propriedade da associação. «Há pessoas que de jeito voluntário cedem os seus terrenos e beneficiam da nossa proposta; cuidade do monte, vigilância, etc.», aponta David, quem nos assinala duas características singulares desta massa florestal: a continuidade e a integração. Continuidade, porque Ridimoas é um bloco, umha unidade sem ilhotes, o qual permite umha administração e cuidado mais eficientes. Integração, porque coexistem diferentes habitats e diferentes terrenos com os seus diferentes usos, dos quais mençom especial merecem os vinhedos, muito característicos da região do Ribeiro.

Espaço protegido

David fala-nos também da importância que teria que o bosque de Ridimoas obtivesse um reconhecimento como espaço protegido, mas «polo geral, os espaços naturais protegidos som-no após umha declaração pública e fai-se para a posteridade e para o resto de seres vivos que compartilhamos o planeta», explica. «No entanto», assinala, «costumam realizar-se mediante umha protecção sem conteúdo». Os membros da associação pretendem seguir com esse compartilhamento através de um espaço florestal com continuidade no espaço e no tempo, de tal jeito que seja interessante para a comarca do Ribeiro, principalmente pola singularidade das espécies que aí habitam, desde a garça pequena ao sapo-concho comum (*Emys Orbicularis*), passando pola lontra e um longo etc. de mamíferos, aves, insectos, árvores ou flora fluvial.

Proteger os espaços naturais é também muito importante em opinião deste biólogo para podermos assegurar o solo e a água. «Num país como o nosso no qual cada vez mais se deixam sentir os efeitos da mudança climática, nom nos podemos permitir o luxo de nom garantirmos o abastecimento de água». E a massa florestal aparece como a única garantia de evitar a desertização e a erosão dos solos do país. «Trata-se de serviços ecossistémicos que nom temos prego», remarca.

Crescimento controlado

É claro que umha actividade deste tipo precisa dinheiro para manter em óptimas condições os terrenos que administra —uns 300 hectares na actualidade—, mas também para continuar na média de mercar um hectare anual. Polo momento,

os diferentes e variados gastos vam-se sufragando através das quotas dos associados e do dinheiro que doam os visitantes que se achegam à fraga, alguns dos quais asinha tornam sócios de Ridimoas.

No entanto, a necessidade de manter e de aumentar o património fai com que continuamente explorem outras fórmulas de financiamento. Como qualquer outra associação, costumam solicitar ajudas e apresentar-se a concursos públicos de todo tipo e que tenham a ver com a sua actividade, e mesmo já recebêrom alguns prémios monetários polo sucesso do seu modelo. Actualmente estão a solicitar ajudas da Conselharia do Meio Rural para lutar contra a acácia —umha espécie invasora que arraigou com muita força na região e noutros pontos do país—, subsídios da Conselharia de Trabalho para fomento do emprego verde, tenhem subscrito convénios com adegas da zona para o aproveitamento dos vinhais de Ridimoas, e mesmo iniciárom contactos mesmo contactos com umha conhecida caixa de poupança para dotar a associação dumha sede estável.

Associação ecológica e cultural

O nome de associação «Cultural-Ecológica» nom é por acaso. Na sua sede, sita no instituto de secundária 'Ribeiro' de Riba d'Ávia, organizam periodicamente umha exposição de arte com obras cedidas por sócios do colectivo. Os benefícios destinam-se para mercar mais hectares, mas todos os anos adquirem umha das obras em propriedade para formar um fundo com o qual, algum dia próximo, poder contar com umha exposição artística de carácter permanente.

Modelo exportável

Chegados a este ponto, chega também a pergunta do milhom. Trata-se de um modelo aplicável ao resto da Galiza, ou pelas suas características só é realizável no Ribeiro? «Sim. Perfeitamente o poderíamos experimentar no resto do país, sempre tendo em conta a necessidade do correcto ordenamento dos terrenos», assegura David. «Se começarmos por ordenar bem o que vai ser o florestal, o que vam ser os cultivos... será um modelo perfeitamente aplicável, mas cumpre conhecer o meio sobre o plano e sobre o terreno», isto é, «nom se pode fazer como noutros sítios e obviar os usos próprios da terra que há em cada lugar; nom se pode destruir montes que já estão formados e ao invés».

O que se precisa para umha correcta integração? «Partir da experiência da gente que sabe disto, da análise e da reflexão, e contar também com a experiência, conhecimentos e apoio dos moradores de cada lugar, que afinal de contas som quem melhor conhecem a terra em que vivem».





Seis cidades galegas já contam com mais de um centro social

EDUARDO MARAGOTO / Desde a mesma data de publicação, em Julho, do guia dos centros sociais da Galiza, *Espaços Abertos para umha Nova Cultura* (Fenda Editora), tivemos notícia de quatro novos

projectos semelhantes em gestação. Passados seis meses, dous deles já abríam as portas, em Ferrol e Lugo, e outros dous, na Corunha e Boiro, nom tardarían muito a ser inaugurados.

Como já se comprovara em Vigo, Ponte Areias e Compostela, todas com três centros sociais, numha cidade nom cabe apenas um espaço deste tipo. As enormes dificuldades que encontram muitos jovens para desenvolver um activismo transformador, para além da sua conexão à Internet, tornam estes espaços imprescindíveis em cada bairro. Dos quatro espaços de que falamos, só um, em Boiro, nasce numha localidade em que nom existiam outros.

No Monte Alto, de novo

É o caso da Corunha, onde o bairro dos Diplomáticos, exportador predilecto de cultura galega, viva e urbana, ao resto da Galiza, é também, por agora, o único importador de centros sociais desta cidade. Quase no linde deste bairro com Atocha, o C.S. Gomes Gaioso espera abrir as portas a finais de Janeiro. Ali ao lado, há anos que desenvolve a sua actividade outro espaço bem conhecido, o Atréu! Alguns dos antigos activistas deste centro decidírom voar sozinhos para impulsionar um projecto que a estética e o nome delatam como mais clássico: nacional e de esquerda. “O peso da língua, reintegrada, também é importante”, di-nos Diego Bernal, que nom oculta que muitas das cerca de 30 pessoas que están a trabalhar na criação do centro provénem do independentismo organizado. Afeitos a ver mais centros sociais, o espaço parece pequeno, mas ‘bonitinho’. Umha antiga loja de portas e sobrados deixou pegada no espaço agora recuperado para outros fins, com até oito soalhos e quase umha dúzia de portas cujos cometidos som ainda incógnita. O balcom, “feito com a ajuda desinteressada de membros da Artábria”, e a parte de diante já están prontas para abrir. Mas ainda falta muito na parte traseira, que será destinada a diferentes actividades, e que recebe umha excelente luz natural. O principal problema é, como sempre, económico, que em princípio pensam ir resolvendo com a organização de festas de apoio.

Vocaçom social

Em Lugo, algumas pessoas provenientes do histórico Alto Minho abrírom há só três meses o C.S. Mádía Leva no interior das muralhas, e a julgar pola freqüente renovaçom do seu blogue, goza de um activismo invejável. Com três meses de existência (e seis da sociedade promotora), já organizárom actividades com muito sucesso no bairro, como o Lume Novo ou a Festa das Cabaças, para além de cursos de tea-

tro e gaita. Na opinião de Borja Mejuto, porém, umha iniciativa sobressai sobre outras: a homenagem à Assembleia Nacionalista de Lugo, tam importante para o conjunto do nacionalismo do pré-guerra. Talvez seja este tipo de actividades as que venham a marcar a diferença com o outro centro social lucense, Alto Minho, de vocação claramente lingüística. Os esforços do novo centro social pretendem convergir mais com outras problemáticas sociais. Em três meses o Mádía Leva juntou mais de 50 sócios, embora Mejuto reconheça que o trabalho diário é realizado por nom mais de 15.

Nom depender do balcom

Quanto ao Aturujo, se tivéssemos que salientar algumha cousa sobre os outros, Charo Lopes tem claro o que seria: “que é em Boiro”. Este tipo de centros som sempre mais aplaudidos quando situados numha vila destas características, onde temhem alguns prós que poucas vezes se verificam nas cidades, onde é difícil encontrar locais de 200 metros quadrados, com cozinha, sala com estrado para concertos e conferências, e até espaço para a futura biblioteca, que já conta com um computador cedido por umha sócia. Lopes descreve-nos ainda um atmosfera biambiental que gostariam para si muitos cafés de luxo, com umha porta que dá para a rua principal do Boiro urbano, a da movida, e outra para um caminho empedrado do Boiro rural. Os contras temhem relação com a pouca gente nova que nom esteja a estudar fora que fica nestas vilas, o que permitirá abrir só aos fins-de-semana, polo menos num princípio, porque depois “sempre há quem se anime”. Entre as pessoas associadas contam com algumha “mais politizada, que já tem participado na criação de outros centros sociais”, e talvez seja por isso que notam grande vigilância policial, ainda que por agora as relações com a Câmara, do BNG, som boas, e mesmo há jovens desta formação política associados. Com a abertura, no dia 16, resolverám-se as incógnitas quanto ao financiamento do projecto, mas já nos avançam “que nom querem depender do balcom; queremos oferecer um lazer alternativo”.

Ferve um bairro luitador

Em Esteiro, Ferrol, o activismo nom para de crescer. O último a chegar foi o Centro Social Fervesteiro, um nome que soará a muitos e muitas das nossas leitoras por um festival organizado no mesmo bairro nos pri-

meiros dias de Julho, que este ano será em Setembro. Aberto desde o dia 21 de Dezembro, o Fervesteiro quer conectar com as lutas do bairro da Bazán, com as velhas geraçoms combativas. Desmentem, em relação a umha notícia publicada por este jornal, que se trata de um centro libertário. Polas palavras de Luís Suárez, “é um espaço intergeracional que nom se submete a nengumha ideologia: anarquistas, comunistas, independentistas... participam da construção de umha nova cidade a partir do bairro”. O interesse dos membros quanto a determinadas problemáticas sociais define-o em relação à Artábria, mais centrada na normalização cultural e lingüística de Trás-Ancos, mas ambos coexistem em torno da mesma visom de cidade. De outra maneira nom se explicam os elogios mútuos que se dedicam. O local é pequeno, mas dá para fazer actividades “sem centrar o financiamento no balcom”, e recusam-se a receber subvençoms institucionais.

centro social mádía leva

Abriu há três meses em Manual Amor Meilám 18, Lugo
2ª a 4ª: 19h30 a 23h
5ª a Sábado: 18h a 23h

centro social fervesteiro

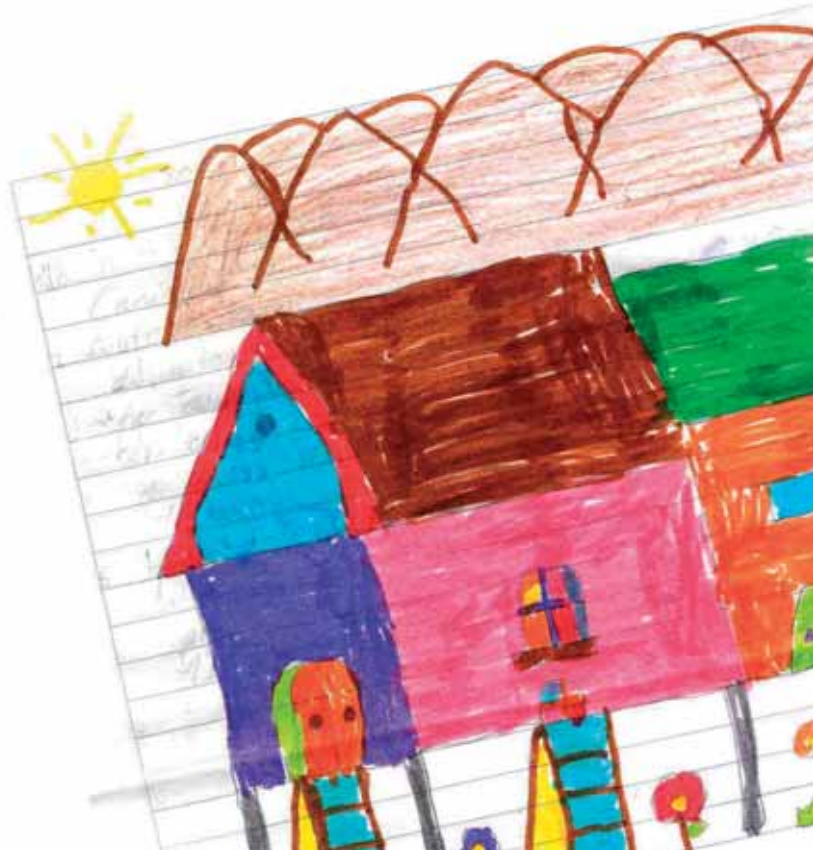
Abriu 16 de Dezembro na Rua Adám e Eva 5, Ferrol
Domingo a 5ª das 19h às 23h
6ª e sábado das 19h às 3h

centro social aturujo

Abrirá no próximo 16 de Fevereiro na Rua Principal 118, em Boiro.
5ª a Sábado a partir das 18h

centro social gomes gaioso

Abrirá a fins de Janeiro em Marcóni, Corunha.
Horário previsto: tarde-noite.





arraianos perguntam:

Entrevista a Aser Álvarez, da associação Arrainos

Fala-nos das origens do projecto. A associação nasceu basicamente do descontentamento da gente jovem de Zela Nova e a sua comarca ao perceber como a enorme potencialidade do território chocava com a realidade de

abandono e miséria política do meio. Assim, um grupo de estudantes da zona, alguns deles emigrados, de entre 20 e 40 anos, decidimos dizer basta e actuar em positivo criando uma associação cultural, ecologista, de desenvolvimento rural e de montanha. Elaboramos as Jornadas contra a Repressão franquista, murais no Furriolo, rotas para levar a gente nova ao monte, para contemplar a paisagem, para conhecer o meio, com saídas ao parque do Jurês. E principalmente, a revista que é o nosso sinal de identidade.

Soubestes conectar com o ambiente? Como vos recebeu o povo?

A sociedade civil, entusiasmada, sobretudo entre a gente nova. Por parte do poder político, desconfiança e confronto. Deves ter em conta de que se trata dumha zona económica e politicamente pouco desenvolvida e actividades como as nossas incomodam o poder que deseja controlar qualquer colectivo se que se mova de forma independente.

Porque vos mantedes independentes de qualquer colectivo político, nom é?

Efectivamente, somos indepen-

dentos e arraianos no sentido de nom sermos sectários: essa é a grande virtualidade que tem a cultura. Queremos estar afastados de todo tipo de reducionismos no ideológico e no campo da política. Mas deseámos manter sempre um ponto de vista crítico e gerar debate público. Por isso na nossa revista aparecem assinaturas que procedem de diversas correntes ideológicas, políticas ou culturais. Queremos ser arraianos também nesse sentido... permeáveis, integradores.

Com que ajudas contades?

Num primeiro momento, os primeiros números da revista saíram a base das contribuições económicas de sócios e através da publicidade. Com a mudança

de governo, foram solicitadas ajudas e projectos como as Jornadas Antifranquistas e a revista contaram com subsídios institucionais através de Política Linguística, por exemplo. Noutras actividades, no entanto, pelo seu carácter simbólico, decidimos renunciar a um subsídio público. Assim, o mural foi elaborado graças a colaboradores e subscritores.

de governo, foram solicitadas ajudas e projectos como as Jornadas Antifranquistas e a revista contaram com subsídios institucionais através de Política Linguística, por exemplo. Noutras actividades, no entanto, pelo seu carácter simbólico, decidimos renunciar a um subsídio público. Assim, o mural foi elaborado graças a colaboradores e subscritores.

Como arraianos também contades com o outro lado.

Contamos, claro. Promovemos a Federação de Associações Arrainas que abarca mais de 20 colectivos de ambos os lados. Mantemos contactos e projectos de colaboração com eles, por exemplo, com o Núcleo de Estudos e Pesquisas dos Montes do Laboreiro. Na nossa revista a presença de assinaturas de ambos os lados é permanente.



ALONSO VIDAL/Verdadeiramente, nesta terra de vontades inconsistentes, ideias nascidas com data de caducidade, acções politicamente correctas e cultura subvencionada, nom estamos acostumados a projectos livres, simples e necessários. Projectos abertos ideologicamente e, tematicamente, plurais. Felizmente existem, inclusive em lugares remotos ou centros de periferia, sem perder por isso umha grama de solvência e interesse. Assim, num tempo onde todas as bordas resultam alheias, onde as fronteiras som já inclusive interiores, e a globalização capitalista vai infiltrando-se em todas as aldeias despejadas, surgem ideias inesperadas para reivindicar o simples, o autêntico, o que vamos perdendo ou nos é roubado enquanto observamos os jogos da Liga em televisons de plasma, ou comprámos a última

inovação tecnológica. A associação Arraianos está em isso. Em fazer-nos torcer a vista para a terra e a história. Pretende acercar-nos o próximo e esquecido.

A associação tem sede em Zela Nova e projecta-se com naturalidade ao Vale do Lima. Edita, desde fai mais de dous anos umha revista do mesmo nome que trata de temas diversos. Neste ano começa umha nova etapa, mais profissional dizem, ao abrigo de uma editora, Alvarellos Editora, tam modesta como comprometida. Querem, sempre segundo as suas palavras, abandeirar o espírito do movimento arraiano que tem o seu centro nas Terras do Vale do Lima e Zela Nova e "desde esta pátria tentar entender o universo todo".

Mais além de tópicas pretensões, a realidade é que a nova revista começa forte, acercando-se sem fingimentos de uma das transformações irreversíveis da nossa sociedade do século XXI: o abandono do espaço rural. O importante fenómeno migratório, que foi sangrando a vida nas aldeias e desarticulando nosso território, principalmente nas últimas décadas, é o tema monográfico deste último número. Melhora a maquetagem, fotografia, design... e quanto aos conteúdos, podemos encontrar-nos com secções fixas, criação e fotografia. Pedro del Llano, Marcial Gondar, Pérez Alberti, José

Manuel Pereiro, Anxo Angueira, Olga Novo, Daniel Salgado, Elvira Riveiro, Chus Pato.... e tantos outros colaboradores podem dar fé do carácter aberto e plural no que diz respeito a ideias e conteúdos da publicação.

E é que a revista *Arraianos* neste número, "A vida nas aldeias", vai limpando de silvas, fentos e giestas as velhas sendas abandonadas, outrora caminhos de vida, que conduzem às aldeias da Raia, da Montanha, longe do quotidiano.... encontra os primeiros muros destruídos, as primei-

ras casas destelhadas. Calca, nas lajes dos seus caminhos, as rodeiras do tempo; chega ao centro da história nom escrita, alça a voz no abandono e pergunta o que talvez deseje escuitar: "Quem anda aí?". Provavelmente responderá o silêncio, a indiferença e o esquecimento. Mas a pergunta está feita. E esse é o seu labor: Fazer a pergunta. Todas as perguntas.

“quem anda aí?”

Um grupo de estudantes da zona, alguns deles emigrados, de entre 20 e 40 anos, decidimos dizer basta e actuar em positivo criando uma associação cultural, ecologista, de desenvolvimento rural e de montanha. Elaboramos as Jornadas contra a Repressom franquista, murais no Furriolo, rotas para levar a gente nova ao monte, para contemplar a paisagem, para conhecer o meio, com saídas ao parque do Jurês..



"na militância dos movimentos sociais nom predomina a austeridade, infelizmente ainda domina a lógica consumista"

va de troca de bens e de serviços promovida por vários centros sociais e outras entidades da comarca. Entrevistamos Xavi, da C. S. Cova dos Ratos, um dos impulsionadores da iniciativa. O número de sócios sobe, diz-nos, mas custa esforços tremendos vencer os hábitos consumistas na própria militância.

as nossas vidas, recuperando umha economia de troca que alonga a vida dos objectos, rebate na vida diária o consumismo, e tenciona estabelecer relações distintas entre as pessoas. Falamos de Vigotroca, alternati-

Na grande urbe da Galiza, um conjunto de colectivos está a deitar o seu graozinho de areia na engrenagem que mercantiliza

Como nasce Vigotroca?

Pois nasce como umha junta de colectivos e iniciativas interessadas em trabalhar o troco e a cession, o consumo consciente, a socialização de recursos colectivos... com a ideia de erguer desde a prática umha economia alternativa à imperante no capitalismo actual. Começamos com umha jornada de troco-cessom no Faísca, e com projecções e mesas redondas de sensibilização e reflexom.

Donde surge a ideia?

Após o mercadinho que realizávamos, a equipa informática dum dos colectivos propujo criar umha plataforma Web para facilitar os intercâmbios... e este trabalho foi para a frente. As possibilidades de organizar mercadinhos físicos viam-se impossibilitadas polas restantes iniciativas sociais de cada um dos colectivos, e a Web permite a abertura cara âmbitos nom relacionados com o movimento; aliás, o fluxo de intercâmbios nom se detém por questons logísticas.

Inspirastes-vos em modelos de outros países que já conheciades, ou foi umha 'invençom' galega?

A inspiraçom provém dalgumha cousa tam antiga como o troco, que simplesmente estamos a reinventar colectivamente; de feito está aberto a qualquer ideia ou reformulação. Existem iniciativas galegas (nom esqueçamos que o intercâmbio e empréstimo de objectos era cousa corrente na Galiza nom há muito) e também de outros recantos do mundo: algumhas utilizam umha moeda alternativa, outras nom contemplam o espaço telemático... isto é, que há modelos mais complexos e mais singelos.

Qual é o nível de participação das pessoas?

Pois bastante alto, dam-se numerosos trocos e cessions. O formato blog permite que seja a gente quem dá vida ao projecto dum jeito horizontal, cada quem publica as suas ofertas e procura... A Web facilita o contacto e o posterior encontro e intercâmbio. Agora somos quase 130 pessoas, e muitas

participam activamente. É umha ledice ver que um projecto com tal alto componente antagonista atinge este sucesso.

A gente que se implica fai-no por necessidade (tem pouco dinheiro), por mentalidade anticapitalista, ou por ambas as cousas?

Convivem umha ampla variedade de mentalidades, com distintos interesses, o que é umha das grandes vantagens do projecto. Est-se a criar umha rede social heterogénea, o que permite a aprendizagem colectiva, a perda de prejuizos, o convívio entre distintos mundos e colectivos... com o que implica de colaboraçom e força conjunta para chegarmos a outro modelo.

Participam pessoas sem consciencializaçom, que nom faça parte dos centros sociais e doutros movimentos?

Os mais nom temem vínculo com os movimentos. Temos desde pessoas imigrantes que se ligam nos "locutórios" telefónicos, a pessoas que andam à procura dumha cousa mui concreta (livro deter-

minado, por exemplo...). Parecemos que isto tem umha grande potencialidade, já que os movimentos amiúde nom dam atingido círculos sociais amplos.

Qual é o tipo de troca que tem mais sucesso? Objectos ou serviços?

A troca mais frequente e mais doada é a de objectos, sem dúvida. A variedade de cousas trocadas é tremenda (fotocopiadoras, materiais desportivos, livros...). Ora bem, o potencial dos serviços pode ser mui grande, estamos a trabalhar para ampliar este apartado.

Pensades que iniciativas como estas podem desligar umha parte importante da populaçom da dinâmica do consumismo e dos centros comerciais?

Podem. Criam uma conexão directa entre pessoas que nom se conhecem, e venhem de âmbitos mui distintos. O troco implica certo conhecimento e aproximaçom, com grandes potencialidades de construçom. Observando como funciona a Web, pode-se apreciar que se está a dar

dinâmicas interessantes, como o apoio mútuo, a economia do dom, a superaçom por esta via de necessidades concretas...

Também nom se pode esquecer que o site integra um banco de recursos colectivos que, ao contrário que na lógica liberal, nom segue a lei dos rendimentos decrescentes, mas do beneficio mútuo e da reutilizaçom.

Non seio dos movimentos populares há umha deriva consumista, ou predomina a coerência e a austeridade?

Essa austeridade, infelizmente, nom existe. Se fígermos umha verdadeira autocrítica, contemplaremos o mesmo mecanismo viciado do resto da sociedade. Há muito que desconstruir nos imaginários publicitários e nos hábitos que procedem deles... e muitos hábitos novos que construir para sermos de verdade antagonistas. Muita gente 'militante' nom contempla o consumismo como alienaçom e muita nom sabe como afrontar esta realidade.